

# INTERSEÇÕES INICIAIS: MAPA DE REDE SOCIAL, CONSTRUCIONISMO SOCIAL E PSICOLOGIA EM CONTEXTOS DE DESASTRES

INITIAL INTERSECTIONS: SOCIAL NETWORK MAP,  
SOCIAL CONSTRUCTIONISM AND PSYCHOLOGY IN DISASTER CONTEXTS

INTERSECCIONES INICIALES: MAPA DE REDES SOCIALES,  
CONSTRUCCIONISMO SOCIAL Y PSICOLOGÍA EN CONTEXTOS DE DESASTRES

**RESUMO:** Os desastres são eventos que ocorrem dentro de um ambiente vulnerável com efeitos que transcendem a capacidade de resposta da comunidade. Diante deste cenário, a psicologia pode contribuir com a comunidade no restabelecimento de seu agenciamento próprio. Proponho utilizar o mapa de rede pessoal de Sluzki (1997) como ferramenta para auxiliar as intervenções da psicologia. A postura construcionista social auxilia nos entendimentos e significados sobre o evento, através de uma prática político-crítica. Este trabalho tem como objetivo fazer intersecções iniciais entre construcionismo social, mapa de rede social de Sluzki e a psicologia na gestão integral de riscos e desastres. Essas aproximações foram exemplificadas através de três atuações da autora em contextos de desastres.

**Palavras-chave:** psicologia; desastres; construcionismo social; mapa de rede social pessoal.

**ABSTRACT:** Disasters are events that occur within a vulnerable environment with effects that transcend the community response capacity. In this scenario, psychology helps the community to re-establish its own agency. It proposes to use the Sluzki's personal network map (1997) as tools to help psychological interventions. The social constructionist stance is important to understand the meanings of the event, through its political-critical practice. This paper aims to make initial intersections between social constructionism, Sluzki's social network map and psychology in the integral management of risks and disasters. These approaches were exemplified through the author's three actions in disaster contexts.

**Keywords:** psychology; disasters; social constructionism; personal social network map.

**RESUMEN:** Los desastres son eventos que ocurren dentro de un entorno vulnerable con efectos que trascienden la capacidad de respuesta de la comunidad. Frente a este escenario, la psicología ayuda a la comunidad a restablecer su propia agencia. Propongo utilizar el mapa de red personal de Sluzki (1997) como herramientas para ayudar en las intervenciones de la psicología. La postura construcionista social ayuda en las comprensiones y significados sobre el evento, así como la postura político-crítica. Este artículo pretende realizar intersecciones iniciales entre el construcionismo social, el mapa de redes sociales de Sluzki y la psicología en la gestión integral de riesgos y desastres. Estos enfoques fueron ejemplificados a través de las tres acciones del autor en contextos de desastre.

**Palabras clave:** psicología; desastres; construcionismo social; mapa personal de redes sociales.

**MARCELA  
ALBUQUERQUE  
RUBIO<sup>1</sup>**

**SIMONE BAMBINI  
NEGOZIO<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> ITFSP - Instituto  
de Terapia Familiar  
de São Paulo/SP, Brasil

Recebido em: 05/09/2023

Aprovado em: 06/11/2023

## INTRODUÇÃO

Os desastres ocorrem dentro de um ambiente vulnerável e geram efeitos que transcendem a capacidade de resposta da comunidade (E. Alves & Oliveira, 2017). Por sua vez, têm atingido cada vez mais pessoas, devido ao aumento da frequência de ocorrências, mudanças climáticas, aumento populacional, conseqüentes falhas de planejamento habitacional e sanitário, precárias condições de infraestrutura e falta de ações preventivas (Cogo et al, 2015).

O objetivo deste artigo é iniciar um diálogo entre o construcionismo social e o mapa de rede social de Sluzki com o contexto de atuação da psicologia na gestão integral de riscos e desastres. Existem diretrizes de saúde mental e apoio psicossocial em desastre, independentemente das diferentes abordagens psicológicas em atuação nos desastres. Tendo isso em vista, durante uma formação em terapia sistêmica de família e casal, estudei esses recursos que, separadamente, compreendi serem úteis para agregar ao campo da psicologia em desastres.

Ao estudar e atuar nesses contextos, apesar das orientações que recebi partirem de uma epistemologia moderna, estes ganhavam uma dimensão relacional que chamou a atenção por similaridades com conceitos sócio-construcionistas. A produção de significados sobre riscos, a atenção redobrada com a comunicação — necessária diante da situação caótica que o desastre deflagra—, os cuidados para uma postura crítico-política em campo, a não imposição de uma verdade sobre a comunidade local, o reconhecimento do saber local e de seu protagonismo são pontos de intercruzamento que identifiquei. Em outros momentos, com a grande importância que a rede social e comunitária possui, em situações de crise, para o restabelecimento dos indivíduos e grupos (Barbosa, Damasceno, & Costa, 2023), reconheci no Mapa de Rede Social um recurso que pode contribuir com uma das ações na área de desastres, justamente por ser um recurso gráfico que pode mapear a rede social da pessoa, auxiliando-a a acioná-la. Para exemplificar essas interlocuções, farei articulações com minha experiência como psicóloga em emergências e desastres no rompimento da barragem em Brumadinho/MG, em 2019, nas enchentes e deslizamentos em Guarujá/SP, em 2020, e em Petrópolis/RJ, 2022.

Fonseca et al. (2015) citam um trecho de uma entrevista com Maria Helena Pereira Franco, a qual questionou se a atuação de psicólogos em desastres era mesmo “coisa de psicólogo”, pois as intervenções por vezes consistiam, por exemplo, em ofertar um copo d’água. Mas essa ação proporciona uma melhora em suas funções vitais e uma boa forma de iniciar uma conversa. Portanto é, sim, “coisa de psicólogo”, não no formato tradicional de atuação, mas “sob a ótica de um novo paradigma” (Fonseca et al., 2015, p. 76). O que corroborou a minha percepção de que seria interessante escrever sobre as aproximações que citei acima. Entretanto, não encontrava textos que falassem explicitamente sobre a perspectiva pós-moderna de atuação da psicologia em desastres. Encontrei poucos artigos que fizessem uma relação entre construcionismo social e desastres (Clarke & Jr, 1993; Sun & Faas, 2018), estes da área da sociologia dos desastres; apenas um artigo sobre construcionismo social e desastres na área da psicologia (Priya, 2015) e nenhum artigo sobre mapa de rede e desastres.

McNamee (2004), ao revisitar o conceito de irreverência de Cecchin, Lane e Ray (2002), nos convida a pensar sobre nós, terapeutas, como irreverentes, coordenando diferentes recursos dentro da terapia familiar para elevar nosso trabalho terapêutico. Arrisco citar que me sinto uma terapeuta irreverente neste terreno ao unir esses temas.

Saliento que o termo *Psicologia em Emergências e Desastres* foi modificado para *Psicologia na Gestão Integral de Riscos e Desastres*, em 2016, pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2016), tendo em vista o crescimento da psicologia nessa área, sua possibilidade de atuação em todas as fases do desastre, como também na produção de políticas públicas. Assim sendo, estou considerando, neste artigo, ambas as denominações como sinônimos.

Início este artigo trazendo o contexto dos desastres em que atuei, conceito de desastre, saúde mental e atenção psicossocial em situações de desastres e psicologia na gestão integral de riscos e desastres. Por fim, faço uma articulação da minha atuação em psicologia em desastres e suas diretrizes em saúde mental e atenção psicossocial com o construcionismo social e mapa de rede social.

## Contexto dos desastres no qual ocorreram as intervenções

Em 25 de janeiro de 2019, Brumadinho, Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG), foi fortemente atingida pelo rompimento da barragem de rejeitos de minérios, da mina de Córrego do Feijão, do Complexo Paraopeba II. Duzentas e setenta e duas pessoas perderam a vida e vinte e seis municípios foram afetados. Em março de 2023, o Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais ainda buscava por três vítimas do rompimento da barragem (Governo de Minas Gerais, s/d). Fui chamada para compor uma equipe de psicólogos que atuou durante 20 dias, iniciando na semana seguinte ao ocorrido. As ações incluíram acolhimento às vítimas e seus familiares, treinamento sobre aspectos psicológicos em desastres para profissionais das áreas da saúde e educação, grupos de apoio e desenvolvimento de material (folder) educativo.

Em 2020, o litoral paulista foi atingido por graves enchentes, dentre as cidades, Guarujá foi uma das mais afetadas. De acordo com o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), choveu 320 mm no período de um dia (24h) em Guarujá, valor acima da média de 263 mm esperada para todo o mês de março de 2020. As enchentes causaram deslizamentos de terra, acarretando 39 mortes, dentre estas, dois bombeiros em serviço, além de 253 pessoas desabrigadas (Magri, 2020). Atuamos em uma frente ampla de psicólogos voluntários, prestando atendimentos às vítimas, aos profissionais de saúde e à comunidade.

Em 2022, enchentes e deslizamentos de terra novamente devastaram Petrópolis/RJ, acarretando 235 mortes; desabrigados e desalojados somaram cerca de 4 mil pessoas (Machado et al, 2023). Fui convidada a compor a equipe de psicólogos de uma instituição não governamental, atuando com as vítimas, sendo estas crianças, adultos e famílias, prestando acolhimento e auxiliando na orientação de comunidades locais.

## Conceito de desastre

A definição de desastre foi dissonante ao longo do tempo. Até os anos setenta, entendia-se que desastre era consequência de um agente externo ameaçador que causa danos à comunidade, por exemplo “são as chuvas que matam, que deixam desabrigados” (Marchezini, 2009, p. 49). Desde o final da década de noventa, compreende-se desastres como expressão social da vulnerabilidade, os riscos são produzidos socialmente por problemas estruturais (CEPED UFSC, 2012; Marchezini, 2009).

O construcionismo social tem contribuição nesta mudança, a partir da sociologia dos desastres, ao compreender o conceito como moldado por fatores sociais e culturais, portanto construídos socialmente (Sun & Faas, 2018).

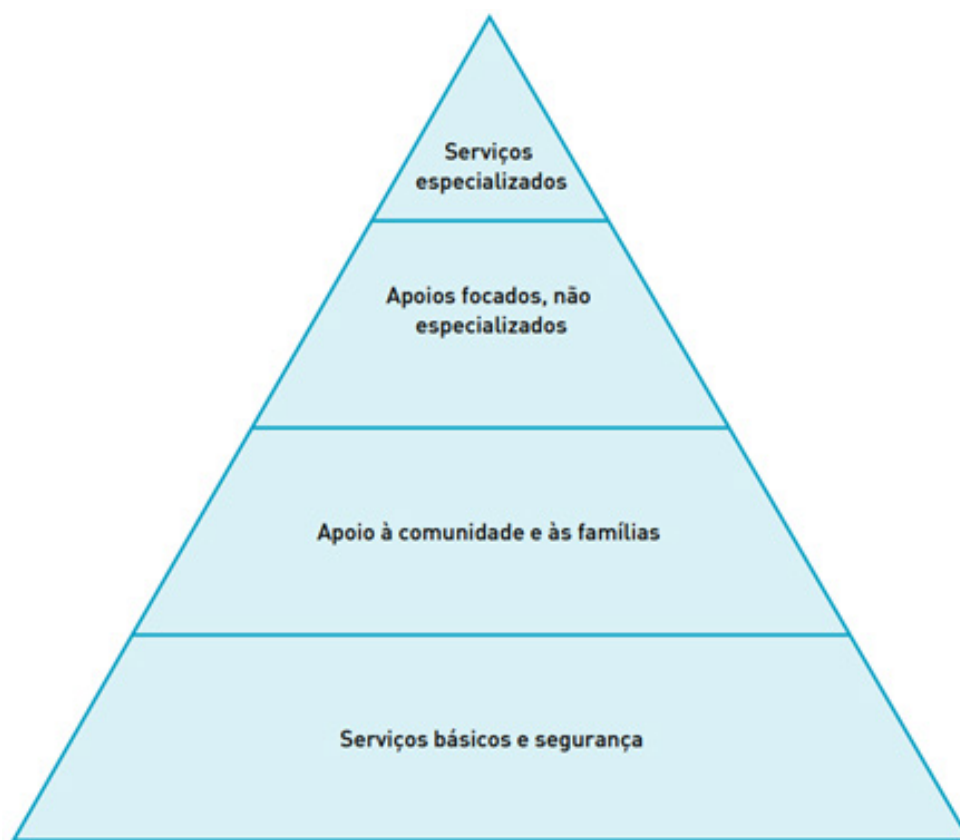
Dessa forma, podemos considerar os desastres como situações que acontecem dentro de um ambiente vulnerável como resultado da ação da natureza e do ser humano. Nesse sentido, eles provocam uma paralisação no funcionamento de uma comunidade de forma a exceder a sua capacidade de resposta (E. Alves & Oliveira, 2017).

## SAÚDE MENTAL E APOIO PSICOSSOCIAL EM SITUAÇÕES DE DESASTRES

Diversos elementos de um desastre podem influenciar a saúde mental e o bem-estar psicossocial da comunidade afetada, desde a natureza do evento e sua magnitude, como características da coletividade, circunstâncias do ambiente e grau de vulnerabilidade, como é o exemplo de pessoas com dificuldade de acesso à serviços de saúde e assistência social (Abeldaño & Fernandez, 2016).

O Comitê Permanente Interagências (IASC), é um fórum de coordenação, desenvolvimento de políticas públicas e tomadas de decisão sobre emergências complexas e desastres naturais, criado durante Assembleia das Nações Unidas, em 1992, que busca auxiliar o trabalho dos profissionais no campo com fins de proteger a saúde mental e o bem-estar psicossocial de pessoas afetadas por emergências ou desastres. Nesse sentido, o Comitê desenvolveu diretrizes de Saúde Mental e Apoio Psicossocial (SMAPS) (IASC, 2007). Esse manual propõe a intervenção pautada em necessidades após um desastre e salienta que as pessoas são impactadas de formas diferentes, logo precisarão de apoios diferentes. Fica a cargo dos profissionais em ação analisarem, junto à comunidade, quais são essas necessidades e os auxiliarem nesse acolhimento, ou seja, as diretrizes nem sempre serão aplicadas, mas elas auxiliam os profissionais nas tomadas de decisões mais adequadas a cada contexto de intervenção. Os cuidados em saúde mental não são restritos aos profissionais da área, mas indicados a todos que atuam no campo. O IASC elaborou uma pirâmide de intervenção para apoio psicossocial e saúde mental em emergências (Figura 1), dividida em quatro níveis de intervenção, da base para o topo são: segurança e serviços básicos; apoios da comunidade e da família; apoios focados, não especializados; e por fim, no topo, serviços especializados de saúde mental.

**Figura 1** - Pirâmide de intervenção para apoio psicossocial e de saúde mental em emergências



**Nota:** Inter-Agency Standing Committee (IASC, 2007, p. 12).

No nível 'Apoios focados, não especializados' (Figura 1), está inserido os Primeiros Cuidados Psicológicos (PCP), que consiste em acolhimento em saúde mental de pessoas que foram expostas a eventos extremos, como um desastre. Consiste em ofertar cuidado não invasivo, de forma genuína e autêntica, avaliar necessidades, auxiliar as pessoas a suprirem necessidades básicas, de informações e de serviços especializados (primeiro nível da pirâmide), escutá-las sem pressioná-las a falar. Os PCP têm por objetivo proporcionar senso de segurança, apoio social, físico e emocional e despertar a sensação de que as pessoas afetadas podem auxiliar a si mesmas e a sua comunidade (OPAS 2015).

## **A PSICOLOGIA NA GESTÃO INTEGRAL DE RISCOS E DESASTRES**

A psicologia pode atuar em todas as fases de um desastre, estipuladas pela Defesa Civil Brasileira: prevenção e mitigação (pré-desastre), resposta (desastre) e recuperação (pós-desastre). Entretanto, através de revisão da literatura, é notório que as intervenções da psicologia nessa área no Brasil ainda se concentram extensivamente no pós-desastre, ou seja, na fase de recuperação, especialmente nos primeiros momentos pós-desastre (E. Alves & Oliveira, 2017; R. Alves et al, 2012; Ribeiro & Freitas, 2020). Apesar de existir intervenção a partir da noção de traumatismo,

o enfoque social e comunitário vem ganhando destaque, como geração de esperança e agenciamento da comunidade, não coadunando, portanto, com uma intervenção patologizante nesse cenário de crise (Weintraub et al, 2015).

Como exemplos de intervenções pré-desastre existem ações da psicologia sob um olhar sistêmico, considerando: microsistema — com interações face a face, como com familiares; mesossistema com inter-relações entre sistemas — como é o caso da escola e dos vizinhos; exossistema, composto pela comunidade, em que nem todos se relacionam ativamente, mas a participação os influencia; e, por fim, o macrosistema, que seria a cidade, envolvendo todos os ambientes anteriores interconectados (Martins & Szymanski, 2004). São ações como o fortalecimento de lideranças comunitárias e da comunidade, educação comunitária referente a políticas públicas de proteção e defesa civil.

Na atuação durante o desastre, a necessidade é trabalhar de forma ampliada, compreendendo a comunidade, os cuidados e orientações voltados à resiliência comunitária e individual, de forma a auxiliar no desenvolvimento de estabilidade, interação e coesão da comunidade em questão. As atuações pós-desastres têm por objetivo acolher diretamente os afetados em seus sofrimentos psíquicos, intervenção junto aos gestores, trabalhadores envolvidos, psicoeducação nesses contextos e sensibilização da população através de documentos escritos (e.g.: panfletos) (R. Alves et al, 2012; Weintraub et al, 2015).

Não se tem uma demanda por abordagem psicológica específica, entretanto, é de grande valia para atuação no campo: conhecimentos sobre processos de luto e morte, rompimento de vínculos, trauma, desastres, estresse agudo, redes e suporte social, técnicas de intervenção comunitária e dinâmica de grupo (Fonseca et al., 2015).

## **INTERLOCUÇÃO DA PSICOLOGIA NA GESTÃO INTEGRAL DE RISCOS E DESASTRES COM O CONSTRUCIONISMO SOCIAL E MAPA DE REDE SOCIAL**

O construcionismo social aparece com o giro epistemológico da ciência moderna para a ciência pós-moderna, convidando a ideias como noção de construção social, linguagem como ação e postura crítica e reflexiva. Para o pensamento construcionista não existe uma realidade única e verdadeira descolada da construção social, “o conhecimento é gerado por processos sociais que constroem o real a partir de diferentes descrições” (Rasera & Japur, 2018, p. 28), ou seja, não há uma realidade para além do que é dito. Dessa forma, defende-se a existência de muitas descrições possíveis sobre o vivido, que é situado cultural e historicamente.

Gergen e Gergen (2010) afirmam que uma realidade socialmente construída pode mudar ao longo do tempo, isto é, o que é bom para a coletividade vai mudando conforme os acordos sociais são feitos e refeitos. Os autores apontam: “nada é real a menos que as pessoas concordem que assim o seja” (p. 20), com isso eles não estão negando a materialidade da vida, mas estão explicitando que ela é compreendida através dos significados atribuídos ao que existe no mundo, significados estes que variam de acordo com especificidades históricas e culturais.

Determinada comunidade pode compartilhar a situação em que vive e atribuir significados em comum sobre o que é ou não arriscado dentro do seu território. Durante minha atuação em Brumadinho, conversamos entre a equipe sobre os efeitos dos significados perante as ações que as pessoas tomavam em seu dia a dia. Anteriormente ao desastre, não havia uma percepção compartilhada do risco entre os trabalhadores da Vale, ou seja, o fato de o refeitório estar posicionado abaixo da

barragem não era visto como um perigo ou uma ameaça para grande parte deles, pelos relatos que escutei nas atuações. Os sentidos e significados que os indivíduos vão dando à situação que vivenciaram pode refletir em como será sua recuperação no pós-desastre. Penso no grau de surpresa e terror que aquela vivência pode ter tido e da interferência que pode gerar ao se reestruturarem após esse evento. Isso não significa que necessariamente a reestruturação será mais intensa ou traumática, mas que pode vir a ser mais um fator que reverbera singularmente em cada um.

Em Petrópolis, devido às chuvas, muitas pedras caíram e rolaram morro abaixo, derrubando casas, prejudicando estabelecimentos e tirando vidas. Segundo relatos locais, algumas comunidades se deparavam com duas rochas no topo do morro próximo a elas, ambas prestes a cair. A partir da informação divulgada dessa condição inegavelmente materializada, quais são as formas que essas pessoas escolhem viver? Como agora elas atribuem significados para o que é risco em suas comunidades? Como reagiriam se chovesse fortemente novamente? Faço essas perguntas, que podem ter mais de uma resposta, para refletir questões sobre as mudanças dos significados sobre o risco através de situações vivenciadas coletivamente e localmente.

Ao embarcar em uma missão ou em alguma atuação em desastres, o referencial construcionista me permite entender que não tenho como me despir de meus entendimentos da realidade, continuarei com eles, me posicionarei eticamente, para proporcionar uma intervenção que seja mais horizontal. Vou buscar compreender a realidade do outro e seu modo de se posicionar no mundo, o que se articula com os pressupostos dos primeiros cuidados psicológicos (OPAS, 2015) e as diretrizes de SMAPS do IASC (2007), citados anteriormente, que têm como orientação atentar à cultura, à religião e às normas sociais de cada lugar considerando os direitos humanos, ao prestar auxílio sem ser invasivo.

Durante atuação em Brumadinho, foram realizados grupos de retorno ao trabalho com os mineiros, muitos estavam se vendo pela primeira vez após o rompimento da barragem na qual trabalhavam. Como costume diário, fazia parte daquele grupo específico fazer uma oração antes de iniciar o trabalho. Isso ocorreu ao final dos cinco grupos dos quais participei. Por solicitação deles, pediram para fazer uma oração, escolhendo um de cada grupo para essa função. Reconhecer a importância desse ato como um recurso de enfrentamento, respeitando seus costumes e religião proporcionou um espaço de acolhimento coletivo.

Diante de uma situação de desastre, nos primeiros dias, as emoções são intensas, portanto todas as reações dos afetados são consideradas esperadas e no primeiro momento não patologizadas (Weintraub et al., 2015). Para as Diretrizes IASC (2007), são ações de respostas mínimas aos afetados obterem informações sobre o que aconteceu, contarem com esforços de ajuda e terem seus direitos legais, além de auxiliar a desenvolver um significado para a narrativa de vida.

No entendimento sócio-construcionista, o significado é gerado na relação e não em uma mente individual. A forma como explicamos o mundo é produto dos significados construídos e sustentados nos relacionamentos. Construo meu entendimento através da linguagem. Mas a linguagem não é apenas um meio de repassar a informação desejada, é uma ferramenta construtora de realidade. Linguagem é ação, nós a utilizamos como uma expressão para estabelecer relações, dessa forma, é uma ação prática no mundo, por meio das atribuições de sentidos que criamos ao nos comunicarmos. “As diferentes formas de descrever o mundo implicam diferentes formas de ação social” (Rasera & Japur, 2018, p. 27).

Uma visão crítica e uma linguagem cuidadosa são importantes como formas de ação social sobre o mundo das pessoas afetadas, em um processo dialógico de

coconstrução de significado. Assim como na clínica, porém em um *setting* completamente diferente, seremos coconstrutores de significado junto às pessoas. Nesse processo estamos cuidando da saúde mental destas pessoas ao passar informações (somente quando de fato as temos), auxiliando na coconstrução de entendimentos (IASC, 2007; OPAS, 2015).

As falhas de comunicação também são formas de linguagem enquanto ação social, afinal, em minha experiência em desastres, observo como a desinformação e a falha de comunicação atrapalham e confundem, gerando movimentos e ações dissonantes e conflitantes. Geralmente nos primeiros dias após um desastre, a comunicação é afetada de alguma forma a depender do evento crítico ocorrido. No caso de desastres naturais, como as chuvas intensas, que geram cheia dos rios, conseqüentemente alagamentos e deslizamentos de terra, invariavelmente a eletricidade é afetada, impossibilitando a comunicação via internet ou ligações. Junto a isso, existem muitos atores trabalhando no local, bombeiros, policiais, assistentes sociais, profissionais de saúde, defesa civil, voluntários, além dos próprios afetados. Se pudermos construir esse cenário em nossa mente, é possível perceber o caos que inicialmente se instaura. Coordenar as ações de todos esses atores e formar uma rede que funciona com qualidade é um desafio, o que demanda atenção especial com a comunicação.

Durante a atuação em Brumadinho, vivenciamos, nos primeiros dias, a desarticulação dos psicólogos voluntários dentro do contexto de cuidado, inicialmente gerando confusão. Articulávamos com a coordenação central o acolhimento dos afetados, mas ao chegar no local, tínhamos que reavaliar as intervenções, pois outros voluntários não vinculados à coordenação central já haviam ido ao local prestar atendimento a essas pessoas. Isso se ajustou depois de poucos dias, ao reunir em uma frente os coordenadores das equipes de psicólogos para dividir o local onde cada equipe iria atuar. A desarticulação, além de poder atrapalhar outras equipes, pode gerar maior sofrimento às pessoas afetadas. Sem a comunicação prévia de ações coordenadas, pode desembocar em uma ação iatrogênica.

A gestão deve estar integrada para que haja o mínimo de desentendimentos. Garantir reuniões diárias com os representantes ou coordenadores de cada equipe, a fim de manter todos informados e as informações centralizadas sobre as atividades de cada um é necessário; essas ações são responsabilidade do Gabinete de Crise. Presenciei algumas reuniões abertas na atuação em Guarujá, em que as diferentes frentes se reuniam: secretaria da saúde, da assistência social, bombeiros, guarda municipal, polícia civil, prefeitura, defesa civil, coordenação dos voluntários, diariamente atualizando as ações de cada um e dialogando sobre os planos de ação conjuntos.

Assim, o construcionismo social valoriza uma postura crítica e reflexiva. Ao repensar nas formas que usamos as descrições de mundo, “para que servem, em que situações e para quem” (McNamee & Gergen, 2020, p. 28), percebemos que tudo é passível de ser questionado. Dessa forma, o construcionismo social instiga que façamos uma clínica-ação que seja política, que nos atentemos às relações de poder que sustentam determinadas posições em detrimento de outras.

Lynn Hoffman (2020) aponta que devemos buscar em nossa prática uma postura crítica, desvendando as relações de poder existentes, inclusive nos próprios discursos críticos. A comunidade que passou por uma situação de desastre pode ficar marcada e gerar estigma. Vimos isso acontecer com pessoas que perderam suas casas no rompimento da barragem em Mariana/MG, chamados pejorativamente por moradores da cidade vizinha que os receberam de “pés de lama” (Mota, 2017).



Ao visitar uma comunidade em Petrópolis, a fim de conhecer suas necessidades e como poderíamos auxiliá-los, os líderes locais relataram que se sentiram abandonados pelo poder público semanas depois do ocorrido. Era uma comunidade organizada e alinhada, nossa equipe conversou com eles e fez orientações para que buscassem seus direitos legais. Ao respeitar seus valores, estabeleceu-se uma postura ética relacional e localizada auxiliando no protagonismo local e agenciamento daquela comunidade.

A incerteza, a necessidade imediata das instituições públicas em ofertar ajuda, o estresse agudo de muitos afetados, a preocupação das lideranças locais e institucionais, a organização dos abrigos temporários, essas e outras situações podem dificultar a apreensão, uma vez que diferentes verdades discursivas estarão em jogo de acordo com os objetivos institucionais em questão. Nas intervenções em Guarujá, ao ser acionada por uma colega, fomos ao local averiguar a situação para pensar estratégias de intervenção da psicologia no contexto do desastre, inicialmente tivemos acesso ao governo municipal, ofertamos acolhimento psicológico aos afetados de forma voluntária através de uma ONG, o que foi aceito e assim foi formada uma rede ampla de psicólogos voluntários. Nesse momento é necessário estar atento a essas diferentes descrições e necessidades implicadas nestas descrições, pois nem todas serão possíveis acatar. Isso compreende uma postura crítica e reflexiva durante a atuação. Após alguns dias, ações foram articuladas com a secretaria de saúde da cidade para fazer um trabalho com estratégias de médio a longo prazo, infelizmente fomos obrigados a cancelar as intervenções devido à covid-19 e, conseqüentemente, ao isolamento social.

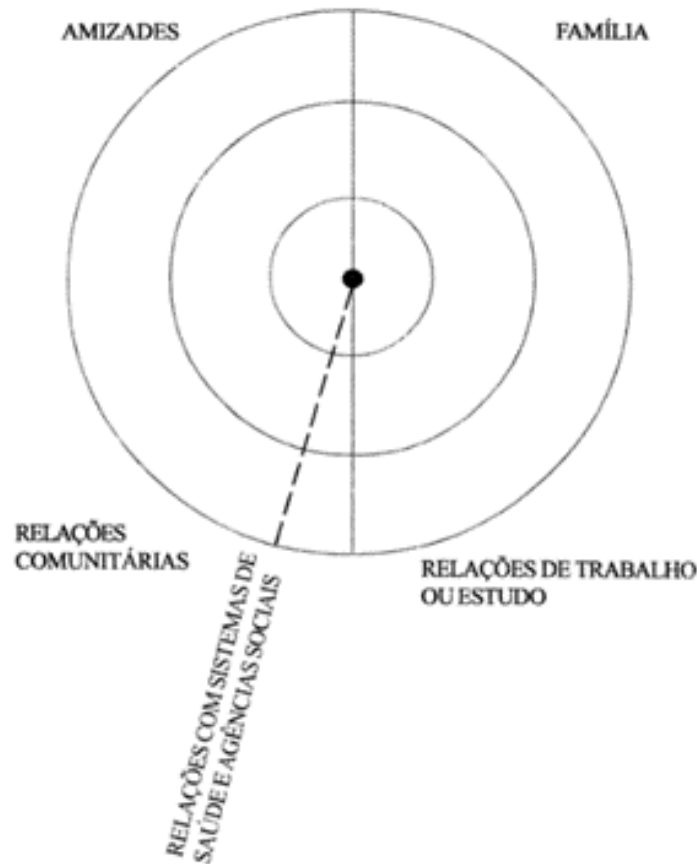
Um ponto importante ratificado nas diretrizes do IASC (2007) são intervenções com a comunidade e as famílias para apoio psicossocial e saúde mental. De maneira a contribuir com os recursos de intervenção, proponho a utilização do mapa de rede pessoal. A Rede Social Pessoal ou Significativa é composta justamente por todas as relações que uma pessoa entende como significativas e que se diferem da “massa anônima da sociedade”, de forma a contribuir com autoconhecimento e autoestima do indivíduo. Ela tem um papel importante na constituição da identidade, sensação de bem-estar, autoestima, agenciamento, autocuidado e “capacidade de adaptação em uma crise” de uma pessoa (Sluzki, 1997, p. 42).

Sluzki (1997) desenvolveu em seu trabalho com comunidades, um mapa da rede social que possibilita agrupar a rede em quadrantes, denominado Mapa de Rede Social. Apesar de inicialmente ter pensado o construcionismo social e o mapa de rede como recursos separados, eles se articulam, juntamente com as ações da psicologia em desastres, por seu caráter relacional. Minha coordenadora da equipe de Brumadinho costumava nos dizer “o social salva”, então mais formas de intervenções que possam aproximar a rede social de alguém após o desastre, têm esse potencial de salvar também.

O mapa de rede é uma ferramenta utilizada pela Terapia Familiar a fim de explorar o microsistema de um indivíduo. Ele é dividido em quatro quadrantes: família; amigos; relações de trabalho ou de estudo; e relações comunitárias/de serviços (serviço de saúde, assistência social, entre outros) ou comunidade espiritual/religiosa. O modelo do mapa de rede social é representado na Figura 2 e forma três áreas dentro de cada quadrante, uma mais próxima do ponto central (este ponto central representa o indivíduo em questão), uma intermediária e a última mais afastada. Dentro do círculo interno, circunscreve-se às relações mais íntimas, pessoas do cotidiano com contato diário. No círculo intermediário estão as pessoas com quem tem relação com menor grau de compromisso, ou seja, há contato pessoal,

porém não tem tanta intimidade (por exemplo amizades sociais, familiares intermediários). O último círculo, externo aos outros, é onde se situam as relações ocasionais (como são familiares distantes) (Sluzki, 1997).

**Figura 2** - Mapa de Rede Social proposto por Sluzki (1997)



**Nota:** Sluzki, 1997, p. 43.

O mapa de rede registra a rede social da pessoa naquele dado momento e naturalmente há de mudar com o tempo; pessoas entram e outras saem, pessoas mudam de posição, vínculos se afrouxam, outros se aproximam. Ele é idiossincrático, único, de acordo com a especificidade da vida naquele determinado período histórico e com a realidade da pessoa em questão.

Entender a rotina, cultura e dinâmica das famílias permite aos profissionais de saúde e de saúde mental, melhor auxiliá-las no processo de reestruturação após acontecimentos potencialmente traumáticos, como são os desastres (Fernandes & Boehs, 2013). Por isso pensei no mapa de rede enquanto alternativa para trabalhar com a comunidade, principalmente, questões como suporte coletivo, sensação de pertencimento, solidariedade e desenvolvimento de alternativas para gerir a própria comunidade após um desastre, são atitudes que contribuem com a saúde dessa população (IASC, 2007). O mapa atua como recurso para os indivíduos da comunidade se reconectarem com sentidos das redes de relações e suportes formais e não formais ofertados, a fim de oferecer coesão, colaboração e estabilidade (R. Alves et al., 2012). Além do que, ao situar sua rede de apoio no mapa, pode levar a pessoa

a entrar em contato com a sua rotina anterior ao desastre e, dentro do possível, buscar uma retomada ao seu senso de estabilidade diante de uma situação imprevisível, facilitar a reunificação familiar e agrupar pessoas amigas da comunidade, assim como identificar líderes locais como ponto de apoio.

Muitas vezes, após a situação de desastre, as redes são rompidas e pessoas podem ficar desabrigadas ou desalojadas. Para fins de esclarecimentos, uma pessoa desalojada é quem teve sua moradia afetada e tem como se abrigar na casa de familiares ou amigos. Desabrigada é uma pessoa que teve sua moradia afetada, entretanto não tem onde se abrigar, necessitando, portanto, da ação do Estado para providenciar abrigo temporário (Costa et al., 2017). Unir famílias, bons vizinhos, amigos, ou seja, unir a rede social e fortalecer a coletividade através de atividades são formas de conservar a dignidade. Foi a partir de reflexão após findada atuação em Guarujá, onde muitos atendimentos foram realizados em um abrigo montado numa escola pública da região, que pensei no mapa de rede enquanto recurso. Ele poderia ter sido utilizado nos atendimentos para auxiliar no gerenciamento e aproximação da rede, de bons vizinhos e famílias nos espaços do abrigo, afinal um abrigo acolhe pessoas variadas, desconhecidas e com valores, crenças e culturas diferentes. Conflitos não são incomuns e a habilidade por parte dos profissionais para mediá-los é importante, lembrando que o nível de estresse pela situação costuma ser alto (Costa et al, 2017).

O mapa de rede social pode auxiliar ao explorar quem é suporte de confiança, diminuindo níveis de estresse e aumentando a sensação de segurança. Em Petrópolis, atendemos famílias que foram obrigadas a se dividirem em novas comunidades após perderem suas casas. Estas relataram sensação de vulnerabilidade e desamparo devido à distância que as separavam dessas pessoas, que antes juntas, formavam uma rede social de apoio em suas atividades cotidianas.

Nós profissionais também podemos participar da rede da pessoa como fonte de apoio, pois estivemos no local do ocorrido, participamos de um período da vida da pessoa de alguma forma naquele momento situado. Presenciamos os rastros de destruição do desastre, o que afeta cada um de nós de determinadas maneiras, nós atravessamos e somos atravessados por essas vivências. Após intervenções em desastre, me percebo mais sensível na interação com outras pessoas, inclusive em contextos de atendimento clínico e em situações sociais em minha vida pessoal. Transformo e sou transformada ao intervir nesses contextos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses são prelúdios de intersecções de tais temáticas. Este artigo visa apenas iniciar um movimento de construir pontes entre a psicologia na gestão integral de riscos e desastres, o mapa de rede pessoal e o construcionismo social. Vejo como muito promissora a continuidade desses diálogos devido à grande probabilidade do aumento de desastres em nosso país. Penso que são importantes as pesquisas que dialoguem mais sobre prevenção e mitigação em contextos de desastre, assim como ações no pós-desastre a médio e longo prazo, visto que os estudos e atuações são incipientes na realidade brasileira apresentada. Esses estudos visam minimizar os impactos que os eventos naturais e humanos têm em contextos de vulnerabilidades sociais.

## REFERÊNCIAS

- Abeldaño, R. A., Fernandez, R.** (2016). Community Mental Health in disaster situations. A review of community-based models of approach. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 2, 431-442. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/csc/a/D69gFRG7h3cVR46TLxVtdmb/abstract/?lang=en>
- Alves, E. G. R., & Oliveira, D. R.** (2017). Psicologia da gestão integral de riscos e desastres. In W. R. Günther, Ciccotti & A. C. Rodrigues (Orgs.), *Desastres: múltiplas abordagens e desafios*. (pp.17-32). Rio de Janeiro: Elsevier.
- Alves, R. B., Lacerda, M.A.C., & Legal, E. J.** (2012). A atuação do psicólogo diante dos desastres naturais: uma revisão. *Psicologia em Estudo*, 17, 307-315. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/pe/a/5wCT3zj4Bg9XBrmL3wfct8D/abstract/?lang=pt>
- Barbosa, L. A. S., Damasceno, R. S., & Costa, M. S. A.** (2023). Psicologia das Emergências e Desastres no Brasil: Uma Revisão de Literatura. *Revista Psicologia da IMED*, 15, 134-149. Doi: 10.18256/2175-5027.2023.v15i1.4597.
- Cecchin, G, Lane, G. & Ray, W.A.** (2002). *Irreverência: uma estratégia de sobrevivência para os terapeutas*. Argentina, Paidós Terapia Familiar.
- Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres, Universidade Federal de Santa Catarina (CEPED UFSC).** (2012). *Considerações sobre o Manual de Política Nacional da Defesa Civil*. Florianópolis: CEPED UFSC.
- Clarke L. & Jr, J. F. S.** (1993). Social organization and risk: some current controversies. *Annu. Rev. Sociol.*, 19, 375-399.
- Cogo, A. S., César, A. V. L., Prizanteli, C. C., Jabur, E., Hispagnol, I. G. R., Franco, M. H. P., ..., & Torolho, P. R. D.** (2015). A psicologia diante de emergências e desastres. In: M. H. P Franco (Org.). *A intervenção psicológica em emergências: Fundamentos para a prática*. (pp.17- 60) São Paulo: Summus.
- Conselho Federal de Psicologia (CPF).** (2016). *Nota técnica sobre atuação da psicologia na gestão integral de riscos e de desastres, relacionadas com a política de proteção e defesa civil*. Brasília. Recuperado em: <http://www.crpsp.org.br/emergencias/pdf/Nota-Tecnica-Psicologia-Gestao-de-Riscos.pdf>.
- Costa, F. G., Flauzino, R. F., Navarro, M. B. M. A. & Cardoso, T. A. O.** (2017). Abrigos Temporários em Desastres: a experiência de São José do Rio Preto, Brasil. *Saúde debate*, 41, 327-337. Doi: 10.1590/0103-11042017S227.
- Fonseca, J. P., Biasoto, L. G. A. P., Vicente, R. G. V., Ramos, R. S., & Padovan, S.** (2015). Intervenções psicológicas em emergências: a construção de uma práxis. Franco MHP. *A intervenção psicológica em emergências: fundamentos para a prática*. São Paulo: Summus, 61-104.
- Fernandes, G. C. M. & Boehs, A. E.** (2013). Mudanças das Rotinas Familiares na Transição Inesperada por Desastre Natural. *Escola Anna Nery*, 17 (1), 160-167. Doi: 10.1590/S1414-81452013000100022.
- Gergen, K. J. & Gergen, M.** (2010). *Construcionismo Social: um convite ao diálogo*. G. Fairman (trad.). Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- Governo de Minas Gerais.** (s/d) Histórico do rompimento das barragens da Vale na Mina CórregodoFeijão. Recuperado de: <https://www.mg.gov.br/pro-brumadinho/pagina/historico-do-rompimento-das-barragens-da-vale-na-mina-corrego-do-feijao>

- Hoffman, L.** (2020). Uma postura reflexiva para a terapia de família. In S. McNamee & K. J. Gergen (Orgs), *A Terapia como Construção Social*. C. O. Dornelles (trad.), (2a ed. - pp.29-52) São Paulo: Instituto Noos.
- Inter-Agency Standing Committee (IASC)** (2007). *IASC Diretrizes do IASC sobre Saúde Mental e Apoio Psicossocial em Emergências Humanitárias*. M. Gagliato (trad.) Genebra: Inter-Agency Standing Committee.
- Machado, L., Gomes, M., Alves, J. & Freitas, F.** (2023, 14 de fevereiro). Em 2022, mesmo depois da maior tragédia climática da história, Petrópolis gastou apenas 15% do valor autorizado em habitação. *GloboNews*. Recuperado de: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/02/14/em-2022-mesmo-depois-da-maior-tragedia-climatica-da-historia-petropolis-gastou-15percent-do-valor-autorizado-em-habitacao.ghml>.
- Magri, D.** (2020, 06 de março). Com 39 mortos e 41 desaparecidos, tragédia na Baixada Santista pode ser três vezes maior que Mariana. *El País*. Recuperado de: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-06/com-31-mortos-e-39-desaparecidos-tragedia-na-baixada-santista-pode-ser-tres-vezes-maior-que-mariana.html>.
- Marchezini, V.** (2009). Dos desastres da natureza à natureza dos desastres. In N. Valencio, M. Siena, V. Marchezini, J. C. Gonçalves (Orgs). *Sociologia dos Desastres: Construção, Interfaces e Perspectivas no Brasil* (p.48-57). São Carlos: RiMa Editora.
- Martins, E. & Szymanski, H.** (2004). A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(1) Recuperado de: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812004000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100006).
- McNamee, S.** (2004). Promiscuity in the Practice of Family Therapy. *Draft for Journal of Family Therapy*, 26(3), 2424-244. doi: 10.1111/j.1467-6427.2004.00280.x.
- McNamee, S. & Gergen, K. J.** (Orgs). (2020). *A Terapia como Construção Social*. C. O. Dornelles (trad.) 2a ed. São Paulo: Instituto Noos.
- Mota, C.V.** (2017, 30 de outubro) Sobreviventes de desastre de Mariana sofrem preconceito, e moradores pedem volta da Samarco. *BBC News*. Recuperado de: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41798753>.
- MPRJ recomenda que Gabinete de Crise criado pelo governo divulgue informações diárias à população de Petrópolis** (2022, 24 de fevereiro). *Sou Petrópolis*. Recuperado de: <https://soupetropolis.com/2022/02/24/mprj-recomenda-que-gabinete-de-crise-criado-pelo-governo-divulgue-informacoes-diarias-a-populacao-de-petropolis/>.
- Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)**. (2015). Primeiros cuidados psicológicos: guia para trabalhadores de campo. Brasília, DF: OPAS. Recuperado de: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/7676?locale-attribute=pt>.
- Priya, K. R.** (2015) On the Social Constructionist Approach to Traumatized Selves in Post-disaster Settings: State-Induced Violence in Nandigram, India. *Cult Med Psychiatry*, 39(3), 428-448. doi: 10.1007/s11013-014-9423-6.
- Rasera, E. F. & Japur, M.** (2018). *Grupo como Construção Social: aproximação entre construcionismo social e terapia de grupo*. 2ª ed. São Paulo: Instituto Noos.
- Ribeiro, M. P., & Freitas, J. L.** (2020). Atuação do Psicólogo na Gestão Integral de Riscos e Desastres: Uma Revisão Sistemática da Literatura. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 13, 1-20. Recuperado de: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202020000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202020000200008)

- Sluzki, C. E.** (1997). *A Rede Social na Prática Sistêmica: alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sun, L. & Faas, A.J.** (2018). Social production of disasters and disasters social constructs: an exercise in disambiguation and reframing. *Disaster Prevention and Management: An International Journal*, 27(5), 623-635. doi: 10.1108/DPM-05-2018-0135
- Weintraub, A. C. A. M., Silva, D. N., Vicente, L. N., Knobloch, F.** (2015) Atuações do psicólogo em situações de desastre: reflexões a partir da práxis. *Interface (Botucatu)*, 19(53), 287-297. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/icse/a/S93NrSt5qkXvRC9Q4mxYMJC/abstract/?lang=pt>
- 

### **MARCELA ALBUQUERQUE RUBIO**

Psicóloga, Terapeuta de Família e de Casal - ITFSP

<https://orcid.org/0009-0009-5819-1982>

E-mail: ceurubio@gmail.com

### **SIMONE BAMBINI NEGOZIO**

Terapeuta Familiar, Docente, supervisora e membro da equipe gestora do Instituto de Terapia Familiar de São Paulo -ITFSP

<https://orcid.org/0000-0002-1215-8193>

E-mail: sbnegozio@gmail.com